

# 75.º aniversário da II Guerra Mundial

As guerras começam na cabeça das pessoas e só acabam no campo de batalha. São ideias que destroem o senso comum dos líderes, suscetíveis de afetar um ditador apenas ou espalhar-se contagiosas por toda uma elite no poder.

**A** II Guerra Mundial, cujo 75.º aniversário se celebra a 1 de setembro, também começou na mente de Hitler, que apenas procurava uma janela de oportunidade para enviar tropas para o Oriente, para o infame “Drang Nach Osten”. A Polónia, que foi invadida em três frentes por um exército de milhão e meio de alemães, registou, só nas primeiras cinco semanas, cerca de um milhão de vítimas. Mais tarde, o exército soviético uniu forças com os alemães e fechou o cerco à Polónia a partir do Leste, conquistando grande parte do território com a força de meio milhão de soldados.

A pacífica Polónia, de tamanho médio, que apenas solidificava a sua economia recentemente renascida, não era ameaça para ninguém. As suas 39 divisões e 16 brigadas militares não correspondiam aos 2750 e 4736 tanques alemães e soviéticos. Mas a coragem do soldado polaco, a determinação e habilidade do oficial e o



POR  
**Bronisław Misztal**

Embaixador da Polónia em Portugal

patriotismo da nação ajudaram a proteger o país da rendição total até 6 de outubro. A Polónia sofreu na proporção de 1:10 – por cada soldado invasor que caiu, dez polacos foram mortos.

A guerra foi um exercício de solidão e abandono. A Inglaterra e a França entraram no conflito supostamente para proteger a Polónia quando os alemães invadiram o território polaco, mas nenhum líder estrangeiro declarou guerra à União Soviética quando também esta tomou ainda mais território polaco do que os alemães. Um historiador britânico excelente, Sir Basil Lidell Hart, sugeriu que os Aliados entraram na guerra com um propósito duplo: para cumprir a promessa de preservar a

independência da Polónia e para remover a potencial ameaça contra si e garantir a sua própria segurança. Falharam em ambos e no final da guerra, seis anos depois, os Aliados assistiram calmamente à Polónia a ser dominada pela União Soviética de Estaline. A guerra também foi um instrumento de profunda transformação global de geopolítica. No famoso discurso “Sangue, suor e lágrimas”, Churchill afirmou:

*“Esta batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Depende a própria vida britânica e a continuidade das nossas instituições e do nosso império”.*

Mas o império britânico desapareceu, emergindo antes um império soviético que, a custo, conseguiu destruir cerca de 70% das forças alemãs. Perderam-se 61 milhões de vidas do lado dos Aliados contra 12 milhões pelo Eixo, portanto, em conjunto, 83 milhões de vítimas. Até agora, o conflito mais letal da história da humanidade.

O que estava na mente de Hitler era um império de controlo totalitário, limpeza étnica, minimização de culturas, religiões e modos de vida e preencher a Europa, de Lisboa a Moscovo, com uma espécie de homem unidimensional. Isso falhou. O que estava na mente de Estaline era ir à boleia dos efeitos demográficos devastadores do genocídio e do Holocausto e completar o sangramento das nações onde seria implantado o homo sovieticus. Esta meta foi eventualmente conseguida, mas durou apenas 44 anos. A 1 de agosto de 1944, a Revolta de Varsóvia tornou-se o esforço solitário para desviar a flecha iminente da dominação soviética sobre a Europa oriental. Partes de um documentário fascinante sobre a destruição de Varsóvia durante a guerra, cedidas pelo Museu da Revolta de Varsóvia, serão em breve mostradas em Lisboa pela Embaixada da Polónia.

O que a guerra não mudou, e que seja lembrado hoje, foi a forte vontade de sobrevivência da nação polaca. Nós renascemos das cinzas e estamos a florescer, as nossas cidades são vibrantes, a nossa cultura é rica, a nossa economia está em crescimento. Mas no fundo de cada um de nós, polacos, há um gene codificado de liberdade e democracia que não pode ser modificado. Nem militarmente, nem politicamente, nem economicamente. Somos livres. ■



**A Polónia, que foi invadida em três frentes por um exército de milhão e meio de alemães, registou, só nas primeiras cinco semanas, cerca de um milhão de vítimas**